



RELATOS SOBRE A AUTOPERCEPÇÃO DO SER HOMOSSEXUAL

Paôla Kessy de Souza Belo

Faculdade Cathedral

paolabelo.psi@gmail.com

RESUMO: A homossexualidade vem sendo posta em discussão nas polaridades sociais, políticas, da saúde e etc. Entretanto, os questionamentos que pouco se fazem são importantes para a compreensão de todo o contexto. As indagações a respeito do homossexual como protagonista da homossexualidade são escassas, portanto objetivou-se investigar como se deu a formação da identidade sexual em homossexuais masculinos. Este artigo diz respeito à pesquisa de pesquisa de campo, de natureza qualitativa, transversal e com survey, que adotou como instrumento entrevista individual semiestrutura embasada por Anamneses, Levantamento socioeconômico e Roteiro de Entrevista. Participaram da pesquisa 8 homens que se identificam como homossexuais, com média de idade de 34 anos e recrutados pela Associação Roraimense de Diversidade Sexual – Grupo Diversidade. Após dos dados serem transcritos, utilizou como método para análise, a Análise de Conteúdo, que possibilitou a fragmentação dos dados em quatro categorias: Autopercepção do ser homossexual, Identificação do meio, Autoaceitação, e Apresentação, contudo o presente artigo apresentará somente os resultados referente a categoria: Autopercepção do ser homossexual. Averigou-se que a autopercepção do ser homossexual em geral é percebida na infância, seguido da adolescência. Proporciona o sentimento de incompreensão do desejo, de ser diferente, sentimento de naturalidade e espontaneidade diante do desejo. Alguns sujeitos percebem e são dotas de interesses e trejeitos “femininos” e essa característica faz com que sentimento de diferença seja reforçado. Pondera-se que as pesquisas precisam ter continuidade para criar mecanismo que diminuam o sofrimento daqueles que têm complicações no processo de formação da identidade homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade Masculina, Identidade Sexual, Autopercepção.

A formação da identidade homossexual é um processo que se instaura dentro de uma complexidade ímpar, muitos pesquisadores passaram a se dedicar aos estudos do desenvolvimento identitário sexual, em específico da homossexualidade, feminina ou masculina. Todavia, ainda que a literatura a cerca do tema venha aumentando, não é suficiente para embasar as discussões e os debates.

A homossexualidade vem sendo posta em discussão nas polaridades sociais,

políticas, da saúde e etc., contudo acredita-se que os questionamentos que pouco se fazem, são exatamente a chave para a compreensão de todo o contexto. As indagações a respeito do homossexual como protagonista da homossexualidade são escassas, portanto objetivou-se investigar o desenvolvimento da formação da identidade homossexual do sexo masculino, com o intuito de identificar como reagem os homossexuais diante da percepção da identidade homossexual, assim como os



fatores que influenciaram e como influenciaram na formação da identidade.

E para começarmos a compreender o desenvolvimento da identidade homossexual, de forma breve pontuaremos alguns conceitos importantes. Começemos pelo conceito de identidade, que conforme Pereira et al. (2006) e Pereira e Leal (2005) identidade é um papel que assumimos perante a sociedade, dessa forma podemos afirmar que somente é identidade quando ocorre a representação social. Já a sociedade pode se posicionar positivamente ou negativamente, o que vai influenciar na manutenção da identidade (PEREIRA E LEAL, 2005), visto que as identidades estão em constante formação devido às influências psicossociais.

Outro ponto importante é a identidade sexual, que seguindo a definição de identidade, nada mais é que a representação social da orientação sexual. A identidade sexual é a construída a partir de experiências amorosas, afetivas e sexuais vivenciadas pelo o indivíduo, em concomitância com a adolescência, afinal estas experiências iniciam na referida fase, com as mudanças proporcionadas pela puberdade (TAQUETTE et al., 2005).

Percebendo por essa ótica, não podemos deixar de falar sobre a adolescência, pois de acordo com Zacarés (1997) apud Schoen-Ferreira et al. (2003) apesar da

formação contínua da identidade, é na adolescência que os alicerces são contemplados. A adolescência é a transição da infância para a fase adulta, estão presente a mudanças biológicas, psíquicas, de papéis, de comportamento e de convívio social (COSTA et al., 2012). Além dessas alterações temos a elevação da sexualidade a um ponto quase extremo, a libido está em ápice juntamente com o desejo por novas experiências e satisfação, vale ressaltar que o saciamento da libido não se refere somente para com um parceiro, mas também o contato com o próprio corpo.

E no firmamento das relações a dois pode-se constatar o direcionamento do desejo, no caso para o parceiro do mesmo sexo. Não podemos atribuir definições e procedimentos exatos, tudo é variável e intrínseco ao indivíduo, mas podemos realizar ponderações sobre vivências relatadas e que de forma geral têm ligações entre sujeitos diferentes, onde podemos traçar um denominador comum. Assim desenvolvemos os métodos para subsidiar a pesquisa.

METODOLOGIA

Este artigo diz respeito à pesquisa de pesquisa de campo, de natureza qualitativa, transversal e com survey, que fora realizada por entrevista individual semiestrutura, autorizada por Comitê de Ética em Pesquisa.



Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 8 homens que se identificam como homossexuais, com média de idade de 34 anos, todos possuem companheiros e têm formação de nível médio a nível superior. O recrutamento fora realizado pela Associação Roraimense pela Diversidade Sexual – Grupo Diversidade.

Instrumento

A entrevista individual semiestruturada foi instrumentalizada por: a) Anamnese: objetivando uma análise mais concisa do sujeito e sua totalidade; b) Levantamento Socioeconômico: a fim de analisar as influências socioeconômicas do sujeito; e c) Roteiro de Entrevista: fomentado pelas indagações do projeto de pesquisa e dos objetivos traçados pelo mesmo. O roteiro integra 4 (quatro) eixos temáticos (Autopercepção do ser homossexual, Identificação do meio, Autoaceitação, e Apresentação), cada eixo constituía questões de base que subsidiaram a entrevista, e cada eixo investigou um aspecto da formação da identidade homossexual. Desta maneira, os resultados a seguir se aterá somente a apresentação dos dados referente ao eixo Autopercepção do ser homossexual, que investigou a compreensão que os participantes tiveram sobre as manifestações do desejo, a

percepção sobre ele, e a reação (emocional/sentimento e comportamental) do sujeito diante de tais manifestações.

Procedimentos

Com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, ocorreu o recrutamento fora e foram determinados os sujeitos da pesquisa e os mesmos submeteram-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Após esse processo, em horários compatíveis entre participantes e entrevistador deu-se início as entrevistas, ocorridas na Clínica de Psicologia da instituição de ensino superior, sendo gravadas e transcritas na sequência. As entrevistas ocorreram em somente um momento e durou aproximadamente 50 minutos.

Análise de Dados

Os dados qualitativos foram analisados pelo método de Análise de Conteúdo proposto Bardin (1977), este método possibilita divisão dos dados que têm grande recorrência e têm relação entre si, desta forma cria categorias (MINAYO, 2009). A Análise de Conteúdo auxilia a compreensão da totalidade do conteúdo, portanto do tema.

E no que dizem respeito aos dados quantitativos, os mesmo sofreram tabulação e contabilização a partir do software Excel.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o método Análise de Conteúdo os resultados serão apresentados por categorias, são elas: *Percepção do desejo, Sentimentos envolvimentos e Trejeitos e interesses “femininos”*.

Percepção do desejo

O desejo é algo que surge sem explicações lógicas. O desejo pelo mesmo sexo ocorre da mesma forma, o que pode ser extremamente confuso, isso torna a percepção do desejo um tanto complexa. Desse modo, é incerto dizer quando surge o interesse pelo mesmo sexo, diferente da percepção, que claro é coberta por incompreensão. A percepção do desejo ainda na infância fora relatada por 75% dos sujeitos, como podemos ver nos relatos abaixo:

“Aos 7anos de idade, eu sentia um desejo, uma fixação, não uma fixação ruim. Um desejo pela aquela pessoa que eu observava, e era um adulto que morava conosco e quando ele saia pra tomar banho, ele saia de toalha pela casa e aquilo chamava a atenção. Então já me chamava a atenção a masculinidade, aquele jeitão, aquela coisa toda”. Sujeito 1

“Essa percepção surgiu na infância, eu já sabia que tinha alguma coisa errada... Errada, não! Porque a criança não sabe o quê que é errado e o quê que é certo. Mas assim, tinha alguma coisa diferente”. Sujeito 5

“Desde que eu me recordo tendo impulso sexual, eu me vejo tendo interesse

por homens. De criança isso, claro que sempre tudo muito reprimido, é tanto que na adolescência eu me vi interessado por mulheres”. Sujeito 8

Mota (2012) e Palma e Levandowski (2008) também obtiveram o mesmo resultado. Mota ainda debate que essas percepções eram obtidas pela divisão de gênero nas brincadeiras e atividades infantis.

Fairchild e Hayward (1996) apud Palma e Levandowski (2008) ainda fomentam que grande parte das mulheres homossexuais percebem que são diferentes desde a infância, porém, ao contrário da presente pesquisa, elas somente se definem como homossexuais após sentirem o desejo propriamente dito por outras mulheres.

Ainda que grande parte da amostra tenha tido manifestações na infância, 25% afirmaram perceber o desejo somente na adolescência com o início das relações afetivas amorosas, como podemos perceber na fala do sujeito 3:

“Por volta de quatro, cinco anos depois que eu comecei a ter essa percepção de que tinha atração física mais por homens do que por mulheres, isso aos 16 anos. (...) Na infância não, mas na adolescência eu tive, na adolescência principalmente naquela fase do desenvolvimento dos hormônios”. Sujeito 3

Acredita-se que na adolescência seja imperceptível não perceber as manifestações. Afinal como o próprio entrevistado afirmou as alterações hormonais iniciam nessa fase da



vida, assim como ocorrem às mudanças de ordem psicossociais (COSTA et al., 2012). Taquette et al. (2005) ainda comenta que nesse período as experiências sexuais são extremamente importante para a formação da identidade sexual.

Sentimentos envolvimento

As emoções que se fizeram presentes nesse processo eram extremamente complexas ao entendimento dos sujeitos da pesquisa e fugia da compreensão dos mesmos, afinal 75% perceberam ainda quando criança, o que se torna entendível. Contudo, apesar de não compreender o desejo, sabe-se da existência do ser diferente, o sentimento de diferença fora um grande manifesto por parte dos participantes, como podemos ver nas falas abaixo:

“Desde a minha infância, eu sentia uma diferença dos meus amiguinhos. Acho que desde os 7 anos de idade”. Sujeito 2

“No começo eu não entendia direito o quê que era, mas daí os amigos namoravam e eu ia meio que no embalo, namorava uma menina, mas era meio confuso, eu não conseguia entender o quê que era aquilo”. Sujeito 6

“Eu via todo mundo namorando, meus tios namorando meninas, e eu olhava aquilo e eu já brincava com meninos e sentia que tinha alguma coisa diferente. (...) Eu sabia que tinha alguma coisa diferente, não que fosse errado, diferente”. Sujeito 5

O sentimento de diferença aparenta ser um processo natural para grande parte dos homossexuais em processo de descoberta, a própria sociedade impõe a diferença para tudo aquilo que não se encaixa dentro da dita “normalidade”. Podemos observar essa concepção da popularização do sentimento de diferença no modelo de identidade homossexual da percepção de Shively e DeCecco (1977/1993) apresentado na pesquisa de Pereira e Leal (2005), em que consideram que o reconhecimento da diferença é uma das etapas no processo do modelo.

Pereira et al. (2006) também citou um modelo, modelo proposto por Troiden (1989), que considera que a identidade homossexual perpassa por 4 etapas, uma delas é *sensibilização*, que ocorre antes da adolescência e é marcada pelo sensação de marginalização e diferença dos demais. O autor ainda relata em seus resultados que anterior a identificação da homossexualidade como orientação sexual, os indivíduos já se sentiam isolados, peculiares e com a obrigação de conter os desejos.

Outro sentimento interessante que surgiu nos relatos dos sujeitos, foi o sentimento de naturalidade e espontaneidade, em que os desejos ocorriam de forma natural, como podemos ver nas falas dos sujeitos 1 e 7.



“Sempre levei com naturalidade, sempre levei minha homossexualidade com naturalidade. Era espontâneo, muito espontâneo. Minha reação, o meu comportamento, não era nada forçado”.
Sujeito 1

Pra mim, era normal, era supernormal e eu só entendia que havia um desejo. A partir do momento que você vai crescendo, vão incumbindo no seu subconsciente que isso é pecado, que isso é errado, que não pode. Mas até então... Antes de fazerem isso na minha mente, antes de perceber a sociedade como um todo, era totalmente normal, pra mim era uma coisa normal de qualquer ser humano. Sujeito 7

Palma e Levandowski (2008) em seu estudo sobre as vivências homossexuais femininas perceberam que uma parte de sua amostra encarou a homossexualidade como naturalidade e normalidade quando perceberam os desejos ainda na infância. Porém, Vieira e Peres (2015) constataram que a homossexualidade causa incômodo nos gays por não ser normal; de certa forma podemos consagrar que ambos os autores estão certos se considerarmos a fala do sujeito 7, em que a homossexualidade é velada com normalidade até o momento em que os preconceitos da sociedade a tratam como anormal.

A descoberta do ser homossexual envolve sentimentos e emoções diversas, além do sentimento de diferença e normalidade, o medo, repulsa, estranhamento e repressão foram encontrados, mas acredita-se que esses últimos são causados pela dificuldade em autoaceitar-se, e que após a

autoaceitação esses sentimentos parecem se diluir.

Trejeitos e interesses “femininos”

Alguns homossexuais apresentam características femininas, sejam de ordem física ou biológica ou de interesse, e muitas vezes essas características perceptíveis os reclusam para o “diferente” do que a sociedade espera. Alguns participantes da pesquisa vivenciaram a situação, como podemos ver abaixo:

“Os amigos do meu pai e da minha mãe ligavam, e às vezes eu atendia ao telefone eles diziam: ah chama a tua mãe, e falavam o nome da minha irmã, e eu me perguntava: - Mas por que ele está me chamando pelo nome da minha irmã? E Eu dizia: - Não... Não é a fulana não, sou eu. E Eles diziam: - Ah está parecendo voz de menina, tem que falar mais grosso”. Sujeito 1

“Eu sempre tive muita habilidade pra confeccionar as coisas, desenhar, cortar... Cortar pra alegrar as coisas e criar... Desde pequeno... Mas eu sentia um vazio muito grande, achava que eu era sempre era metido a feio da família”. Sujeito 5

“Eu me lembro de infância de alguma coisa assim, tipo de brincadeira né, brincava com os meninos de bola né, mas também ficava de olho nas meninas brincando de boneca, alguma coisa, também achava legal, mas assim não brincava porque se fosse, diziam: - Ah isso não é coisa de menino”. Sujeito 6

Essa percepção de possuir características afeminadas intensificou a confusão a respeito da orientação sexual. As



diferenças de gênero enquadram as pessoas num campo inflexível, onde não é possível o meio termo e sem dúvidas tenta encaixar os “diferentes” dentro dos parâmetros da heteronormatividade. Mota (2012) traz essa mesma percepção, em que a sociedade deixa claro o que deve ser a mulher e o que deve ser o homem. E naturalmente, quem não se enquadra não será visto de forma adequada perante a sociedade, pois conforme Dover (1994) apud Viera e Peres (2015) homens afeminados não são bem aceitos na socialmente.

CONCLUSÕES

A compreensão do estado de consciência das pessoas sobre si mesma é algo que precisamos aprimorar, pois devemos levar em consideração que esse estado de consciência, talvez não tenha sido atingido pela própria pessoa. Contudo, a maturidade dos participantes e também a necessidade que recrutar sujeitos que já tivessem atingidos esse determinante facilitou o entendimento da formação da identidade homossexual.

Desta maneira podemos averiguar que a autopercepção do ser homossexual em geral é percebida na infância, seguindo da adolescência, onde ocorre a construção pilares da identidade sexual.

A percepção de ser homossexual proporciona o sentimento de incompreensão

do desejo, entretanto não deixa de ressaltar a sensação de ser diferente dos outros, sensação essa que é reforçada pela posição social. Há também o sentimento de naturalidade e espontaneidade diante do desejo para com o indivíduo do mesmo sexo, principalmente quando é percebido na infância, que envolve a inocência e não está contaminada com os preconceitos sociais. Após a contaminação, sentimento como medo e repulsa, por exemplo, surgem e precisam ser superados para aceitar a própria identidade.

Além desses sentimentos, durante o processo de percepção alguns sujeitos percebem e são dotas de interesses e trejeitos femininos, essa característica faz com que sentimento de diferença seja reforçado e naturalmente reprimido pela sociedade.

Por fim, consideramos que a percepção de ser homossexual é um processo natural, assim como o sentimento de diferença, o representa dificuldade é o reforçamento negativo da sociedade e a possível dificuldade de sobressair o preconceito interno. Ponderando dessa forma, refletirmos que pesquisas precisam ter continuidade na tentativa de criar mecanismo para diminuir o sofrimento daqueles que passam por complicações no processo de formação da identidade homossexual.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

COSTA, Vanuzia e FERNANDES, Sheyla Christine Santos. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia e Sociedade**, v.24, n.2, p. 391-401, 2012. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200017>.

MINAYO, Maria Cecília.(Org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTA, Murilo Peixoto da. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **Revista Bagoas**, v.6, n.7, p.199-222, 2012. Recuperado de http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v06n07art10_mota.pdf

PALMA, Yáskara Arrial e LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 771-779, 2008. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a15>

PEREIRA, Bill; AYROSA, Eduardo André Teixeira e OJIMA, Sayuri. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. **Caderno EBAPE. BR**. 2006, vol.4, n.2, pp. 01-16. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512006000200002>

PEREIRA, Henrique e LEAL, Isabel Pereira. A Identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações Para a Saúde. **Análise Psicológica**, v. 23, n.3, p. 315-322, 2005. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n3/v23n3a09.pdf>

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria e SILVARES,

Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.

TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília M.; SANTOS, Úrsula Pérsia Paulo dos e BARROS, Mônica Maria Vianna de. Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciência e saúde coletiva**, v.10, n.2, p. 399-407, 2005. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000200018>

VIEIRA, E. D e PERES, L. A.. Percursos da construção da identidade de jovens adultos homossexuais. **Revista Psicologia em Foco**, v. 7, n. 9, p. 33-52, 2015. Recuperado de <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaiefoco/article/view/1524/1945>